

Louis Braille



Todos os direitos reservados, ACAPO

N.º28 | 2020

Lisboa, 20 de outubro de 2020
31º Aniversário da ACAPO

O QUE É A SURDOCEGUEIRA?

Editorial | Em balanço

Educação | Do assistencialismo à inclusão

Braille | O Braille na vida da pessoa cega

Sociedade | Notas breves da situação dos cegos entre 1950 e 1970

Caleidoscópico | (Tiflo) pandemias

Extramuros | Todas as coisas visíveis e invisíveis

que a surdocegueira pode comprometer a realização de algumas operações necessárias ao processo de comunicação, traduzindo-se assim em dificuldades de comunicação por parte da pessoa com deficiência e, também das pessoas que a rodeiam, quando não conhecem o tipo de comunicação própria dessa pessoa.

De salientar ainda que, as experiências vivenciadas pela pessoa com deficiência através das estruturas perceptivas e cognitivas que possui tornam-se únicas, percebendo o mundo de maneira diferente daquelas que têm o sentido de audição e visão. E, deste modo, a surdocegueira provoca um impacto enorme na vida de uma pessoa, tanto ao nível da comunicação, do acesso à informação, da orientação e interação com o mundo, como também do conhecimento, de onde se deduz que o desenvolvimento da trajetória de vida/carreira de pessoas surdocegas esteja fortemente dificultado. Contudo, essas dificuldades podem ser minimizadas.

Em termos gerais, as características da surdocegueira, resultam da combinação de diferentes variáveis como a etiologia, o tipo e grau das perdas sensoriais, o momento e ordem em que estas surgiram, a existência ou não de défices associados e a estimulação ambiental. Devido às diferentes variáveis, o grupo de pessoas surdocegas torna-se uma população bastante heterogênea e complexa. De acordo com a idade e ordem de aparecimento da deficiência, esta população encontra-se dividida em quatro grupos.

O Grupo I - pessoas com surdocegueira congénita, que inclui indivíduos que nascem com a visão e a audição seriamente afetadas devido a origens pré ou perinatais. Também estão neste grupo aqueles que a adquirem logo após o nascimento, no período em que ainda não desenvolveram a linguagem.

O Grupo II - indivíduos com perda auditiva congénita e a perda da visão adquirida, que reúne indivíduos com deficiência auditiva adquirida à nascença, ou que adquiriram essa deficiência logo após o nascimento e que por causa endógena ou exógena adquirem uma deficiência visual.

O Grupo III - indivíduos com deficiência visual congénita e surdez adquirida. Reúne indivíduos cegos, ou com dificuldades severas de visão adquiridas à nascença e devido a causas endógenas ou exógenas sofreram uma perda total ou parcial da audição num determinado momento da sua vida.

Por fim, o Grupo IV - indivíduos com surdocegueira adquirida, caracterizados por não apresentarem nenhuma incapacidade visual ou auditiva à nascença, mas que ao longo da vida adquirem ambas as deficiências.

Em relação ao momento da aquisição da surdocegueira, esta pode ser classificada em surdocegueira pré-linguística e surdocegueira pós-linguística. Na primeira, a pré-linguística, a pessoa nasce surdocega ou adquire a surdocegueira antes da aquisição da linguagem. Nestes casos existe pouca discriminação entre a pessoa e o ambiente e esta utiliza também como pontos de contacto

o olfato juntamente com o contacto corporal. Na segunda, a pós-linguística, a pessoa adquire a surdocegueira após aquisição da linguagem. Apresenta dificuldades na comunicação diferentes das apresentadas por uma pessoa com surdocegueira pré-linguística. Com estas pessoas há que considerar a aceitação emocional envolvida pela perda daquilo que teve, dos sentidos que acabou por perder, passando a experimentar situações não experienciadas anteriormente, como por exemplo os limites e a dependência de recursos para estudar, trabalhar e principalmente para conviver.

“As pessoas surdocegas têm em comum as dificuldades de comunicação, a necessidade de utilizarem o tato como canal prioritário de entrada da informação e a de se adaptarem emocionalmente aos seus défices sensoriais”.

As pessoas surdocegas têm em comum as dificuldades de comunicação, a necessidade de utilizarem o tato como canal prioritário de entrada da informação e a de se adaptarem emocionalmente aos seus défices sensoriais. Esses défices têm implicações diretas na sua forma de perceberem o mundo que as rodeia, de aprenderem, de se relacionarem com o meio envolvente, de estabelecerem e manterem relações com os outros.

Ao olharmos para as consequências mais imediatas, verificamos então que, dependendo do nível da deficiência e das limitações sensoriais, a percepção do mundo se reduz à informação que chega através das mãos ou através dos resíduos sensoriais existentes; o input fragmentado da informação impede uma progressão linear do desenvolvimento; o esforço exigido pelo facto de a comunicação se reduzir ao tato, torna mais lento o progresso, o que pode levar a um maior isolamento e solidão, podendo até, em casos extremos, levar à perda do sentido da realidade. A forma de aprendizagem é condicionada, bem como a aquisição de conhecimentos, sobretudo nos casos em que a surdocegueira é congénita ou adquirida em fases precoces; verifica-se um impedimento do desenvolvimento sensorial normal, sendo este habitualmente realizado por observação e imitação; há limitações no grau de autonomia e independência do indivíduo, na comunicação, orientação e mobilidade. Seria desejável a existência de um meio ambiente que proporcionasse estímulos e experiências necessárias para um eficaz desenvolvimento cognitivo, tais como, a necessidade de adaptação emocional à sua condição e a criação de estratégias cognitivas que a facilitem.

As pessoas com surdocegueira podem comunicar através de sinais visuais, quando a perda da visão não é total, ou tátil (conversação de sinais através do toque), tadoma (compreensão das palavras através da percepção da vibração da voz, através do toque próximo dos lábios ou das cordas vocais) e alfabeto manual digital (desenho das letras do alfabeto na palma da mão).

braille o cego pode fazer uma leitura verdadeiramente pessoal, ultrapassando a interpretação da terceira pessoa que lê para o gravador ou subtraindo-se à indiferença da voz sintética. Finalmente, temos ainda que a perfeição na escrita está relacionada com a leitura em braille que cada um faz, pois é através dela que entra em contacto com a estrutura dos textos, a ortografia das palavras e a pontuação.

Os cegos têm o direito de aprender e praticar o seu processo natural de leitura e escrita na mesma medida em que os demais aprendem a ler e a escrever. Na aprendizagem, dos primeiros contactos com os pontos até a uma escrita perfeita e a uma leitura fluente vai um longo caminho - de dificuldades, de perseverança, de pequenas e grandes conquistas - que é preciso percorrer. Os professores de braille não devem fazer nenhuma concessão aos seus alunos. É necessário que eles aprendam a escrever eficientemente (de preferência em estenografia) e leiam tão bem como os alunos que veem.

“A boa qualidade do ensino do braille é decisiva para uma leitura destra e para a aquisição do hábito de ler”.

A boa qualidade do ensino do braille é decisiva para uma leitura destra e para a aquisição do hábito de ler. A leitura torna-se agradável, porque a atenção, menos requerida pelo trabalho de identificação dos sinais, vai mais em ajuda do pensamento. Ora, é a ler que se ganha e se aprofunda o gosto pela leitura. Só o gosto de ler garante que o processo de aquisição de cultura não se interromperá ao sair da escola, apesar das vicissitudes do quotidiano.



Dedo indicador, em cima de pontos braille (visto de lado ao nível da folha).

Quanto aos que chegaram tarde à cegueira, são normalmente atendidos em centros de reabilitação, onde se procura restituir-lhes o equilíbrio funcional possível.

Ali aprendem técnicas para superar a falta da visão, tais como atividades da vida diária, orientação e mobilidade, informática e braille.

No processo de reabilitação a aprendizagem do braille deve ser encarada como um fator de êxito e não como significando uma perda. Saber ler e escrever braille permite identificar os medicamentos que já vêm marcados, marcar envelopes e etiquetar embalagens, fazer fichas e tomar notas nas mais diversas circunstâncias.

A prática do braille deve continuar para além do centro de reabilitação, como suporte da adaptação da pessoa cega à sua nova vida. São conhecidos depoimentos destas pessoas, relatando a alegria que sentiram quando, pela primeira vez, puderam ler um texto em braille. Terão assumido, nesse momento, que a cegueira não é limitação que se não compense... **LB**

Presidente que se fizeram os primeiros jogos florais da Associação, tendo esta iniciativa sido muito bem acolhida e muito participada pelos Sócios, oferecendo um importante prémio monetário aos três primeiros classificados.



Placa da Rua Professor Branco Rodrigues – Tiflólogo, 1861 – 1926.

Em dezembro de 1968, realizou-se o primeiro Simpósio sobre Problemas da Cegueira, com a duração de três dias, tendo este evento também sido bastante participado, incluindo pela imprensa da época. Entre outros importantes assuntos aí desenvolvidos, este Simpósio abordou os temas da Cultura e do Trabalho dos Cegos. A palestra promovida por um desses jovens, um dirigente cego, intitulada os Cegos na Cultura e no Trabalho, deu grande celeuma com os Responsáveis da Fundação Sain. Nesta palestra defendia-se que os cegos podiam desenvolver e concorrer com pessoas com vista, no campo intelectual e não apenas nos trabalhos manuais com balancés, cunhos, fresas, até porque esta atividade dá cabo das mãos de um cego, sendo que estas, para um cego, são os seus olhos. Esta celeuma, foi amplamente discutida nos jornais da época, nomeadamente no Jornal de Notícias, pelo Jornalista João Falcato.

No dia 11 de agosto de 1969, um jovem dirigente cego da Luís Braille, foi entrevistado na mais famosa rubrica televisiva da época, o programa Zip-Zip, pelos Jornalistas Fialho Gouveia e Carlos Cruz. Esta intervenção, teve uma grande repercussão a nível nacional, pois foi a partir da mesma, que, pela primeira vez, várias empresas iniciaram processos de recrutamento e seleção para trabalhadores cegos. O pensamento do Sr. Branco Rodrigues, “Os cegos precisam de trabalho e não de esmola”, citado neste programa, causou grande celeuma entre os cegos mendicantes.

Nos anos 50, as dificuldades para os cegos poderem estudar, resumem-se nesta síntese. Não havia livros

em Braille, os gravadores de fita magnética estavam ao alcance de poucos e para fazer exame do liceu, como não havia ensino oficial para cegos, tinham que, em primeiro lugar, pedir ao Reitor do liceu, rogando-lhe que os autorizasse a fazer exame, seguindo-se um pedido formal para esse efeito diretamente ao Ministro da Educação, que normalmente era generoso, deferindo o pedido.

Última nota, quando algum cego mais esclarecido afirmava que um dia haveria cegos como Ministros e Deputados da Nação, o mesmo era vítima de escárnio. Pois foi preciso esperar até 2015 para ter um primeiro Secretário de Estado e membros do parlamento cegos, com desempenho muito apreciado por mim. **LB**

CALEIDOSCÓPIO

(Tiflo)pandemias

Por Augusto Hortas.



Augusto Hortas com o seu cão guia enfrentam a barreira de uma trotinete.

Toda a gente já conhecia, quer por ter lido ou ouvido falar, a existência de epidemias e pandemias que assolaram e continuam a preocupar a humanidade. Desde a Peste Negra na Idade Média, passando pela Tuberculose dos séculos XIX e XX, sendo que neste último foram notícia também a Pneumónica, a Cólera, a Varíola, a Malária, o Ébola, bem como as mais recentes, conhecidas por Gripe das Aves e Gripe A, algumas delas continuando a afetar a humanidade nestas duas primeiras décadas do século XXI.

Mas, é durante o primeiro trimestre de 2020 que todos fomos despertados para um novo motivo de preocupação sanitária: o surgimento do Coronavírus e a correspondente COVID-19, esta pandemia que atacou a humanidade e que transformou as nossas vidas por completo, privando-nos de hábitos de vida, de âmbito comportamental e afetivo, tão essenciais ao processo de socialização e humanização das sociedades. Esta nova realidade, que para o comum dos mortais era inimaginável há tão pouco tempo, constituiu-se num surpreendente fenómeno, que não só é responsável

por todos os constrangimentos sociais, mas também pelo emergir de termos e expressões, cujo uso não era normal no léxico diário de cada um de nós, mas que, vêm fazendo parte, desde sempre numa forma mais ou menos consciente, do quotidiano de certos extratos sociais mais vulneráveis às diversas afeções resultantes das ações das sociedades, como por exemplo, para além de outros, como é óbvio, é o grupo das pessoas cegas ou com baixa visão, aos quais nos pretendemos referir em especial nesta abordagem.

Desde logo, com o desenvolvimento da pandemia em Portugal e no Mundo inteiro, o conceito de “grupo de risco” começou a surgir na consciência dos cegos e amblíopes. A obrigatoriedade do tão recomendado “distanciamento social”, tão difícil de controlar para quem não vê ou vê mal, bem como o constrangimento da necessidade do uso das mãos na identificação de objetos de toda a ordem, onde o uso de luvas, tão recomendado pelas entidades de saúde pública, constituíram-se como obstáculos intransponíveis para quem tem necessidade do uso do “tacto para ver” e identificar com precisão o que interessa para a sua autonomia face ao meio circundante. A imposição do “estado de emergência” acabou por condenar ao “confinamento” compulsivo e extremo, muitos dos deficientes visuais que, por não serem dotados de competências técnicas ou de reabilitação adequada, se viram lançados para um isolamento agravado pelas circunstâncias pandémicas. Salvaram-se aqueles que, embora não se consiga determinar com rigor uma percentagem face ao universo dos cidadãos que se enquadram nesta área de deficiência, puderam ultrapassar limitações acrescidas, impostas pelo confinamento, uns porque dotados de meios e apetências tecnológicas, e podendo usufruir dos seus rendimentos (trabalho, pensões ou prestações sociais), outros institucionalizados ou apoiados por organizações de âmbito social.

Apesar deste confinamento nos ter permitido descobrir e otimizar formas de comunicação à distância, pelo uso de programas e aplicações, mais ou menos acessíveis, umas já existentes e outras que rapidamente emergiram para a resolução de necessidades que a situação criou ao nível global, também acentuou a frustração crónica em relação a uma persistente ausência de sensibilidade, por parte dos canais televisivos, no que concerne à audiodescrição de conteúdos emitidos e que não são acessíveis a uma esmagadora maioria de pessoas deficientes visuais. Esta é uma praga pandémica que persiste no tempo, sem que as já longas décadas de conhecimento e técnicas televisivas tenham mexido com as consciências de quem é responsável pelas mesmas, quer em termos de produção, quer de supervisão. Será que nos querem impor um “isolamento profilático” seletivo de carácter informativo para toda a vida>? Para nos defenderem de quê?

Entretanto o desconfinamento foi acontecendo paulatinamente no fim da Primavera e, tal como o

Homero é cego e foi ele quem descobriu a vida interior do homem projectando depois para fora do homem por sobre o mundo a vida interior do homem para que finalmente se visse.

Idem, p. 237.

É cego, enfim, porque é cego tudo quanto, a bem ou a mal, se mete de permeio entre a vida e o homem.

Idem, pp. 234-235.

Aqui, sei onde sangra o lábio oculto.
De quem me vê, até de olhos fechados!
E, como os cegos, reconheço um vulto,
Pelo roçar dos dedos namorados...

Pedro Homem de Melo, in Ao Porto, Colectânea de poesia sobre o Porto, p. 129.

Vagos e rodeados de abismos caminhamos
Indefinidamente sem sair de onde estamos.
Nada se vê. Só se ouve rangente a escuridão.
Sufocados os olhos. É interna a visão.

Natália Correia, in Poesia Completa, p. 541.

Rejeitemos decididamente esse radicalismo indecente que nos exorta dar à luz o que é da luz e às trevas o que é das trevas. Porque as trevas estão na luz como o Yin está no Yang; e a luz está nas trevas como o Yang está no Yin.

Idem, in Outra Lição, Antologia Poética, p.100.

Cada vez mais vivo e cada vez mais cego através dos anos, é um mistério que nunca pude decifrar.
Penso nele e lembro-me logo daquelas monstruosidades anatómicas, diante das quais a razão, cheia de pasmo, pergunta em que fonte da vida bebem as suas raízes.

Miguel Torga, in Diário I, p. 162.

E não me resigno intimamente a essa entrega incondicional, não por apego ao mundo, de que me vou sentindo excluído, mas pela simples dignidade de me não conformar. A dizer não à fatalidade é que eu tenho a ilusão de vencer.

Idem, in Diário XVI, p. 106.

Gosto da noite imensa, triste, preta,
Como esta estranha e doida borboleta.
Que eu sinto sempre a voltejar em mim!...

Florabela Espanca, in Sonetos, p. 63.

O cego, curioso, queria saber de tudo. Ele não fazia cerimónia no viver.
O sempre lhe era pouco e o tudo insuficiente.

Idem, in Estórias Abensonhadas, p. 29

Nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos.
O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses
outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem.

Idem, p. 16.

Com medo da noite foi andando, aos tropeços. Os dedos teatrais interpretavam ser olhos.

Idem, p. 31.

Acontece que o mundo é sempre grávido de imenso. E os homens, moradores de infinitos,
não têm olhos a medir.
Seus sonhos vão à frente de seus passos. Os homens nasceram para desobedecer aos
mapas e desinventar bússolas. Sua vontade é a de desordenar paisagens.

Idem, in Cada Homem é uma Raça, p. 167.

Como podemos florir ao peso de tanta luz?

Eugénio de Andrade, in Obra Completa, Vol. I, Círculo de Leitores, p. 100.

E as mãos do homem não têm mais sentido que imitar
as raízes debaixo da terra.

Idem, p. 130.

A noite inteira nos olhos desmedidos.

Idem, p. 195.

São muitos anos dedicados ao ofício, a mão cega procurando iluminar as funduras
da alma, ou esforçando-se, com o tempo, a esquecer o que foi aprendendo.

Idem, in A sombra da Memória, p. 98.

A página é cegante, na sua lucidez.

Idem, p. 38.

A noite inteira nos olhos desmedidos.

Idem, p. 195.

O astrónomo

À sombra de um templo
 O meu amigo e eu
 Vimos um cego
 Sentado e solitário.

O meu amigo disse:
 – Olha que esse
 É o homem mais sábio da nossa terra.

Então, deixando o meu amigo,
 Aproximei-me do cego,
 Saudei-o e começámos a falar.

Pouco depois disse-lhe:
 – Desculpa a pergunta,
 Mas há quanto tempo está cego?

Ele respondeu:
 – Desde que nasci.
 Perguntei então:
 – E que caminho de sabedoria escolheste?
 – Sou astrónomo.
 Em seguida levou a mão ao peito e acrescentou:
 – Observo todos estes sóis, estas luas e estrelas.

Khalil Gibran

A pintura é poesia muda. A poesia é pintura cega.

Leonardo Da Vinci

Não pinto os objectos como os vejo mas como os penso.

Pablo Picasso

A verdadeira viagem de descoberta não consiste em buscar novas paisagens mas em ter um novo olhar.

Marcel Proust

Carta da árvore triste

(...) A árvore que se dá nas Índias Orientais, e lá chamam triste, é assim chamada porque não floresce senão de noite. Quando o sol se põe não se veem nela flores algumas; e todavia meia hora depois do sol posto, esta árvore fica toda florida, e apenas o sol lança novamente os seus raios, caem-lhe as flores, sem ficar alguma. É do tamanho da pereira. A folha assemelha-se à do loureiro quando é um pouco cortada. A semente serve para lançar na comida e a água que se espreme destas flores serve para remédio contra a moléstia dos olhos.

Al Berto

Se um olhar de novo brilho ao meu olhar se enlaçasse...

Alexandre O'Neill

Vem serenidade, põe nos olhos dos cegos a luz que lhes pertence!

Raul de Carvalho

Ver só com os olhos
É fácil e vão;
Por dentro das coisas
É que as coisas são

Carlos Queiróz

Difícil é transpor os muros invisíveis que estão nos reais

Eduardo Lourenço

Até mais ver, Jerónimo Nogueira.

